

## Projeto Memória e Vida: reflexões sobre a transformação do Cemitério da Consolação em bem cultural

### RESUMO

O artigo investiga os sentidos e valores que sustentam a fruição artística e cultural cemiterial. Para tanto, analisa o campo santo Cemitério da Consolação e o Projeto Memória e Vida. O projeto tem a intenção de transformar este espaço em bem cultural. Para a realização da investigação foi utilizada pesquisa documental. Foram analisados os elementos teóricos e práticos que sustentam a proposta, assim como seus modos de fazer. O Projeto Memória e Vida do Cemitério da Consolação, ao mesmo tempo em que incentiva a apreciação das artes existentes no local, oportunizando a fruição cultural em um espaço composto abundantemente por peças de arte visual, trabalha para a preservação da arte existente no Cemitério e sua integração com a comunidade, por intermédio de seu uso para além do fim funerário. A apreciação da arte, por meio do Projeto, faz com que o espaço seja efetivamente ocupado, conhecido e apreciado, contribuindo para a fruição da cultura local.

**Palavras-chave:** Artes Visuais; Turismo; Arte Cemiterial; Cemitério Da Consolação; Projeto Memória e Vida.

\* Doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas na UFRGS. CV: <http://lattes.cnpq.br/9605620141509082>

\*\* Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPGHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) junto à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ). Professor do Curso Técnico de Guia de Turismo no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/2932350686906306>

\*\*\* Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora dos cursos de Design Gráfico e Design Digital da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). CV: <http://lattes.cnpq.br/9583509400822379>

## Memory and Life Project: reflections on the transformation of the Consolação Cemetery into a cultural asset

### ABSTRACT

The work investigates the meanings and values that sustain artistic and cultural fruition, and to do so, analyzes the holy field Cemitério da Consolação and the Memory and Life Project. The project has the intention of transforming this space into a cultural asset. To carry out the investigation, documentary research was used, based on theoretical and practical elements that sustain the proposal, as well as its ways of doing. The Project Memory and Life of the Consolação Cemetery, while it encourages the appreciation of the art existing at the site, providing an opportunity for cultural fruition in a space composed abundantly of pieces of visual art, works for the preservation of the art existing at the Cemetery and its integration with the community, through its use beyond the funerary purpose. The appreciation of art, through the Project, makes the space effectively occupied, known, and appreciated, contributing to the enjoyment of local culture.

**Keywords:** Visual Arts; Tourism; Cemetery Art; Consolação Cemetery; Projeto Memória e Vida.

## Proyecto Memoria y Vida: reflexiones sobre la transformación del Cementerio de Consolação en bien cultural

### RESUMEN

El artículo investiga los significados y valores que sustentan el disfrute artístico y cultural cementerial, y para ello analiza el Cementerio de Consolação y el Proyecto Memoria y Vida. El proyecto pretende transformar este espacio en un activo cultural. Para llevar a cabo la investigación se recurrió a la búsqueda documental. Se analizaron los elementos teóricos y prácticos que sustentan la propuesta, así como sus formas de hacer. El Proyecto Memoria y Vida del Cementerio de Consolação, al mismo tiempo que incentiva la valorización de las artes existentes en el lugar, proporcionando la oportunidad de fruición cultural en un espacio compuesto abundantemente por piezas de arte visual, trabaja para la preservación del arte existente en el Cementerio y su integración con la comunidad, por medio de su utilización más allá de la finalidad funeraria. La apreciación del arte, a través del Proyecto, hace que el espacio sea efectivamente ocupado, conocido y apreciado, contribuyendo al goce de la cultura local.

**Palabras clave:** Artes visuales; turismo; Arte en Cementerios; Cementerio de Consolação; Projeto Memória e Vida.



**D**e acordo com Elias (2001), a morte é um problema exclusivamente humano – e dos vivos – por sua capacidade de refletir sobre ela. O morrer, apesar de ser uma condição biológica do que está vivo, torna-se um fato social, na medida em que o homem atribui a esse evento num significado existencial e cultural.

A morte é sinônimo de perda, dor e tristeza para a maior parte da sociedade ocidental. Essas questões, conforme afirma Elias (2001), estão relacionadas a uma concepção cultural. Diante de tais considerações, é frequente a busca de afastamento de todas as coisas ou lugares que remetam à lembrança do inevitável evento. Os cemitérios secularizados carregam consigo o estigma da morte. Tornaram-se lugares em que a visita ocorre, geralmente, para o cumprimento dos rituais sociais e religiosos impostos aos vivos com seus mortos. Denomina-se aqui por “secularizados” os campos santos extramuros criados no Brasil em meados do século XIX diante da imposição, em escala nacional e internacional, da proibição dos enterros nas igrejas.

Na contramão do fato exposto, nota-se um aumento da visita dos cemitérios com a finalidade de lazer, a ponto de serem considerados atrativos turísticos pelo Ministério do Turismo brasileiro em 2016.<sup>1</sup> Diante deste quadro, a princípio contraditório, busca-se compreender as ideias que sustentam as práticas culturais de lazer e turismo nestes espaços, associadas à visualidade e à arte.

Trata-se aqui de buscar um entendimento acerca do modo como a apreciação da arte é posta em cena no espaço cemiterial. Cabe ressaltar que os cemitérios secularizados, na maioria dos casos, ocupam lugares privilegiados nas grandes cidades brasileiras. Podem ser soluções de lazer cultural para as metrópoles e fonte de emprego e renda, pelo turismo. Ao mesmo tempo, são capazes de acarretar conflitos sociais, entre a comunidade e os visitantes externos, diante de uma oposição à prática de divertimento naquele espaço.

Na tipologia da necrópole em questão, ocorreu intensa produção artística durante todo o século XIX até a metade do século XX. Por essa razão, somada à nova guinada que tem sido conferida ao uso dos cemitérios, o estudo sob a perspectiva da arte merece atenção. Repensar e analisar o cemitério como um atrativo de lazer e apreciação artística pode contribuir para refletir sobre as possibilidades de maneiras responsáveis e múltiplas de uso deste tipo de espaço. De acordo com Rugg (2000), cada necrópole tem características únicas, apesar de possuírem, *a priori*, semelhanças estéticas e de processos de construção histórica. Diante dessa proposição, propõe-se uma análise a partir do estudo de caso do Cemitério da Consolação (SP), notadamente, o projeto Memória e Vida.

O Cemitério da Consolação está localizado na região central da cidade de São Paulo. Diante da efetivação da proibição dos enterramentos dentro das igrejas católicas na cidade, em 1856 a Assembleia Legislativa Providencial de São Paulo aprovou o primeiro regulamento para os cemitérios, sendo inaugurado dois anos depois o Cemitério Municipal, posteriormente

<sup>1</sup> Braga, G. H. (2016, 18 de janeiro). Cemitérios e túmulos históricos atraem turistas no Brasil: Visitas guiadas e recursos tecnológicos ajudam visitantes a apreciar sepulturas consideradas obras de arte. Ministério do Turismo Notícias, online. <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/cemiterios-e-tumulos-historicos-atraem-turistas-no-brasil>



rebatizado de “Consolação”, a necrópole mais antiga da cidade. É tombado pelo CONDEPHAAT<sup>2</sup>, possui área de 76.340 m<sup>2</sup> e 6.128 túmulos, dentre os quais cerca de 300 estão classificados como “Arte Tumular” ou “Personalidade Histórica”. No ano de 2005 foi inserido no circuito turístico da cidade pela Prefeitura, por ter sido considerado “um verdadeiro museu a céu aberto”. Em 2007, por meio de um projeto da Prefeitura chamado “Projeto Arte Tumular”, passou a oferecer visitas guiadas regulares à necrópole.<sup>3</sup>

No entanto, o processo de musealização do espaço ocorreu somente em 2015, com o projeto “Memória e Vida no Cemitério da Consolação”, a partir de um convênio firmado entre o Serviço Funerário do Município de São Paulo (SF MSP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por intermédio de sua mantenedora Fundação São Paulo. Um dos objetivos específicos é “Promover no Cemitério da Consolação um projeto que envolva a gestão participativa para valorizar os patrimônios tumulares e a preservação e divulgação da memória da cidade”. Este tema é aqui abordado para entender como o projeto utiliza o discurso sobre obras de arte e artistas, para conceber-se como um “museu a céu aberto”.<sup>4</sup>

O Cemitério da Consolação possui um dos mais ricos acervos tumulares do país (Figueiredo, 2017). Na necrópole é possível encontrar obras de importantes artistas brasileiros e estrangeiros, como Victor Brecheret, Nicola Rolo e Luigi Brizzolara. Além disso, o projeto é o mais amplo e estruturado no uso do cemitério como bem cultural já existente em território nacional. Está contemplado neste espaço, além da apreciação tumular, a exibição de filmes, peças de teatro, apresentações de música clássica e contação de histórias.<sup>5</sup>

As indagações que orientam a pesquisa são: quais as ideias presentes no Projeto Memória e Vida que justificam a mudança na apreciação do espaço do Cemitério da Consolação em termos de fruição cultural? Como os elementos desse espaço são mobilizados nesse processo? Assim, o Projeto Memória e Vida é analisado, com o objetivo de compreender como se sustenta o argumento de uso do cemitério da Consolação como um espaço artístico cultural de lazer e turismo. Para tanto, além da presente introdução, a seguir é apresentada uma exposição do referencial teórico relacionado ao tema da arte cemiterial e sua fruição cultural.

Para uma compreensão do objeto de pesquisa, o cemitério e seus respectivos túmulos são analisados com base nos conceitos de bem cultural e de cultura visual. A articulação desses conceitos e a apresentação dos resultados da análise são guiados pelas teorias mencionadas. Conforme Guedes e Maio (2021), a terminologia “bem cultural” apresenta várias definições e variações ao longo da história. Em geral, todo elemento, seja ele material ou imaterial, produzido pela cultura, tecnicamente seria um exemplar. No entanto, a delimitação do conceito voltou-se para assegurar a preservação de determinados bens escolhidos. Assim, concluem as autoras, o conceito não é fixo no tempo e não se esgota em uma definição delimitada. Trata-se de

<sup>2</sup> Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) pertencente ao Estado de São Paulo.

<sup>3</sup> Serviço Funerário Municipal de São Paulo – SF MSP. (2016). Projeto Memória e vida. Cemitério da Consolação. São Paulo: SF MSP. <http://www4.pucsp.br/neats/download/projeto-memoria-vida.pdf>

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Serviço Funerário Municipal de São Paulo – SF MSP. (2016). Projeto Memória e vida. Cemitério da Consolação. São Paulo: SF MSP. <http://www4.pucsp.br/neats/download/projeto-memoria-vida.pdf>



uma concepção em processo, de perspectiva multidisciplinar, na qual os elementos políticos e sociais influenciam o que deve permanecer ou ser esquecido, ao classificar ou não um elemento como bem cultural. Essa perspectiva conduz este artigo, com o objetivo de observar em que momento a necrópole em questão torna-se um objeto de preservação artística e cultural, e como tal processo é operacionalizado pelo Projeto Memória e Vida.

A ideia de apreciação cultural e visual merece uma breve associação com a concepção de arte. De acordo com Cattani (2002), o entendimento da obra de arte possui conexão com o fazer. Trata-se do intervalo entre o que o artista teve a intenção de produzir e o que o público acredita ver, e para estudá-la é necessário o uso do “pensamento visual”, caracterizado pela junção da imagem com um raciocínio. Nesse sentido, a autora afirma que a obra de arte é intraduzível, razão pela qual todo discurso sobre ela sempre será parcial. Logo, não poderia haver um significado único ou correto para as obras de arte. A leitura sobre uma obra dependerá da sensibilidade do olhar de quem aprecia e dos discursos anteriores à experiência de estar diante da obra. Nesse sentido, a apreciação e o estudo da arte devem começar pelo meio, o que significa a partir de olhares anteriores do autor, críticos, historiadores e de outros agentes sociais situados entre o espectador e o trabalho. Essas questões são úteis para pensar a complexidade das obras artísticas, independente de suas finalidades, e os espaços que ocupam. O fato de estarem em cemitérios não restringe sua capacidade de comunicar questões diversas, que poderão variar conforme quem observa e as questões da dinâmica social impressas a elas.

Os dois conceitos articulam-se, produzindo o que se entende por uma teoria da cultura visual. De acordo com Campos (2012), não há uma definição exata do termo:

*A minha perspectiva relativamente à cultura visual é, conseqüentemente, a seguinte. Entendo-a como um sistema em que os modos de olhar e representar visualmente o que nos rodeia são, histórica e culturalmente, modelados. Deste modo, não abrange unicamente os processos de produção de artefatos visuais e de comunicação visual, mas, igualmente, a forma particular como as relações estabelecidas no âmbito do visível se processam. (Campos, 2012, p. 23).*

Dessa forma, é possível entender que os sistemas estéticos são sistemas perceptivos históricos e historicamente produzidos, em contínua transformação. A classificação do que é arte e do que merece ser preservado como bem cultural perpassa, ao longo do tempo, pela esfera da cultura. Esta, enquanto teia de significados tecidos pelo homem (Geertz, 1978), não é determinante, mas influencia os valores, sentidos e consumo dos artefatos artísticos e de bens culturais. Portanto, é relevante investigar a dimensão cultural do cemitério e de seus espaços.

Estabelecida a premissa de estudo da arte, a questão da apreciação visual nesses espaços percorre o campo das intenções. Considerando os cemitérios como espaços precipuamente destinados ao sepultamento de cadáveres, o que leva ou poderia conduzir as pessoas a frequentarem esses espaços para fruição cultural? Trata-se de buscar compreender as razões individuais, coletivas e organizacionais que mobilizam pessoas a se deslocarem para apreciação, gozo e desfrute em um lugar considerado mórbido, sombrio, representativo de

dor e sofrimento – questão que pode ser respondida a partir de uma perspectiva histórica, cultural e/ou socioeconômica.

## Os cemitérios como espaços de fruição cultural

A apreciação dos cemitérios torna-os um espaço de cidadania, cultura e urbanidade, um campo de significações e produções humanas, ao lado da religiosidade e de conceitos filosóficos que norteiam a morte e a vida, e seus simbolismos. Contudo, seu significado em termos sociais e de apreciação não foi estanque na história da humanidade.

Entre os séculos V e VII, o cemitério era tido como ponto de encontro para manifestações profanas e sagradas que a igreja não comportava. As sepulturas formavam o cenário no qual as pessoas se reuniam em festas e comemorações, para reproduzir a cultura que envolvia a morte como personagem principal. Ao contrário da concepção contemporânea de ambiente sombrio, silencioso e fúnebre, o cemitério era um dos locais mais visitados das cidades. Com o deslocamento de uma concepção coletiva diante da morte para uma concepção individual, as inscrições e artes funerárias que haviam desaparecido ao longo da Alta Idade Média começam a reaparecer por volta do século XII. O retorno dos túmulos individuais e o início da personificação das sepulturas são acompanhados pelas estátuas e pelo retorno das artes visuais como exaltação (Ariès, 1989).

Queiroz (2008) aponta que, no século XIX, surgem os cemitérios do período Romântico, criados com a intenção de serem visitados e admirados pelas obras de arte ali presentes, que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia nas artes da época. Passaram a figurar como espaços de lazer e divertimento cultural. A partir da metade do século XX, após a década de 60, ressurgiu o interesse nos cemitérios como herança artística e cultural. Assim, a valorização pela arte, arquitetura e iconografia que integram as visualidades que podem ser exploradas em cemitérios, consideram seu principal fator, qual seja a vida humana que foi e que está ali registrada, enquanto universos subjetivos dos sujeitos, em intensidades abstratas que acionam o plano abstrato e conectam os seres às suas histórias de vida (Del Puerto, 2016, p. 44).

O imaginário social ocidental atual conta com uma visão limitada dos cemitérios como lugares destinados, exclusivamente, ao sepultamento e culto aos mortos. De fato, muitos deles, apesar de seu potencial para outras atividades, são limitados a estas funções. No entanto, esses espaços possuem uma complexidade de ideias, significados, representações que variam ao longo da história, condição que faz deles referências culturais (Nogueira, 2013). A prática de fruição cultural em cemitérios pode carregar consigo representações sociais, uma vez que o cemitério pode ser considerado uma representação da sociedade. Esses locais ressaltam a cultura, a iconografia, a arquitetura e a arte tumular. Destaca-se a memória das pessoas sepultadas, mediante seus feitos, exaltando a arte enquanto ênfase da vida sepultada, e não da morte ocorrida (Del Puerto, 2016, p. 30),

Essas necrópoles têm significativo potencial. É possível explorar questões que vão além de propósitos comerciais e estruturais, pois estão envoltas em reflexões humanas, culturais, sociais e filosóficas. A apreciação de espaços como cemitérios torna-os elemento integrador,



dinamizando as visitas, contribuindo para amenizar a situação de abandono desses espaços. É possível tecer laços, entre o campo dos mortos e seu entorno de vida, valorizando a própria necrópole e demonstrando os problemas referentes ao entendimento e aos fatores inerentes ao patrimônio cultural ali existente (Del Puerto, 2016, p. 31).

Baptista (2014) enfatiza que os cemitérios são polêmicos por sua natureza, pois são envoltos em mistérios, sentimentos, fascínio e temor, muitas vezes despertando sentimentos paradoxais como afeto e tristeza. Cabe destacar que uma das principais formas de utilização dos cemitérios são as visitas envolvendo fé, enquanto intensidade abstrata.

Da mesma forma, Boullón (2002, p. 77) esclarece que os cemitérios podem ser utilizados como espaço real para algum uso diferente do tradicional. O autor afirma que tal uso ocorre em alguns casos, expandindo a visão sobre esses espaços, geralmente urbanos, para além dos sepultamentos. Del Puerto (2016, p. 33) reflete sobre a importância dessa expansão de aproveitamento cultural das necrópoles, visto que a arte e a iconografia tumular tratam de uma forma de expressão humana, com a finalidade de cultivar lembranças e memórias, mantendo presente o ausente. Tanto é assim que no Brasil há cemitérios notoriamente conhecidos pela atividade artística, turística e cultural, como refere:

*Cemitério São João Batista, situado no Rio de Janeiro, e Cemitérios da Consolação e Araçá, localizados na cidade de São Paulo, seja pela história, arte, personalidade ou fé. Pode se mencionar, ainda, aqueles cemitérios visitados especificamente em função da fé, onde a crença em alguns santos populares mobiliza os visitantes. Na cidade de São Paulo, por exemplo, há o túmulo de Antoninho da Rocha Marmo e Maria Judith de Barros, no Cemitério da Consolação; São Bento do Portão, no Cemitério de Santo Amaro; Felisbina Muller, no Cemitério da Quarta Parada; Júlio César Rodrigues, no Cemitério da Penha; Menina Izildinha, no Cemitério São Paulo; e Menino Guga, no Cemitério do Araçá (Garcia, 2014). Essas personalidades sepultadas são reconhecidas como santos populares já que lhes são atribuídos milagres. Em Manaus, no cemitério São João Batista, localiza-se o túmulo do rabino marroquino Shalom Emanuel Moyal, que também recebe visitantes. (Del Puerto, 2016, p. 34)*

Em termos internacionais, diversas necrópoles atraem visitantes em função da arte em bronze, mármore e madeira, além de ações culturais e artísticas, como:

*Cemitério de Arlington e Hollywood Forever, nos Estados Unidos; Cemitério Highgate em Londres; Cemitério Staglieno e Cemitério da Ilha San Michele, na Itália; Cemitério Judeu de Praga, na República Checa; Cemitério Săpânța, na Romênia; La Recoleta, na Argentina; Necrópoles Cristóbal Colón, em Cuba; Montparnasse, Montmatre, Père Lachaise e Catacumbas de Paris na França; Cemitério Nossa Senhora de Almudena e Cemitério de Poblenau na Espanha; entre outros (Del Puerto, 2016, p. 35).*

A apreciação da arte, iconografia, arquitetura e história, bem como a aproximação em relação às personalidades e à fé são alguns dos principais motivos que levam seus visitantes aos cemitérios. Assim, nem sempre ocorre uma associação com a morte, sempre presente no



cenário. Essa cadeia de concepções teóricas permite analisar como o Projeto Memória e Vida posiciona o cemitério como um bem cultural, assim como os processos discursivos e práticos mobilizados a partir do que se entende como obra de arte, de temática tumular.

Este artigo baseia-se em uma pesquisa qualitativa. Em geral, pesquisas com esse viés buscam compreender um fenômeno no ambiente em que ele ocorre, assim como os elementos que o compõem (Kripka, Scheller, Bonotto, 2015). Nela, o pesquisador interessa-se mais pelo processo da ocorrência dos fatos do que neles em si. Essa orientação dialoga com a intenção do trabalho, uma vez que se busca compreender a forma pela qual o Cemitério da Consolação é posto como um bem cultural e espaço de apreciação artística voltado para o lazer e turismo. A pesquisa qualitativa apresenta diversos instrumentos específicos para obtenção dos dados necessários de um estudo científico. Optou-se aqui pela pesquisa documental. Esta técnica conta com análise e tratamento de materiais produzidos pelo ou sobre o objeto de pesquisa. A escolha incidiu sobre uma ênfase aos itens que ainda não foram sistematizados ou escrutinados cientificamente.

Nesse sentido, os documentos analisados para responder aos questionamentos sobre os usos de fruição artístico-cultural do Cemitério da Consolação serão os elaborados pelos agentes responsáveis pelo processo de musealização deste espaço. Assim, serão analisadas as produções feitas pelos responsáveis pelo Projeto Memória e Vida Cemitério Consolação. Por documento entende-se tudo que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica, ou qualquer outro tipo de testemunho registrado (Cellard, 2008). Assim, por documento não se compreende apenas o material escrito em papel. Na proposta do autor, tudo que conta ou testemunha determinado aspecto da realidade pode ser considerado documento.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão analisa não apenas as linhas escritas pelo Projeto Memória e Vida, mas também outros elementos serão contemplados, como reportagens, vídeos, filmes, depoimentos gravados e todo material que possa revelar os aspectos que fundamentam a forma e uso artísticos do cemitério em questão.

## **O cemitério como bem cultural: discursos e práticas**

Na leitura atenta e crítica dos documentos produzidos pelo e sobre o Projeto Memória e Vida, foram identificados dois posicionamentos que sustentam o argumento do Cemitério da Consolação como bem cultural e espaço de apreciação artística: sócio historiográfico e artístico/museológico. A partir dessas plataformas discursivas, o projeto propõe-se a agir por meio de ações culturais e práticas turísticas.

Segundo Berlinck (2016, p. 16), a história do Cemitério Consolação mistura-se com a história da cidade de São Paulo. Ao visitar a necrópole, os visitantes se deparam com túmulos de personagens das artes, da política e da sociedade paulistana. A história desse cemitério está associada a questões de políticas de saúde pública, arquitetura, urbanismo, legislação, estilos de arte tumular e a sociedade da época dos sepultamentos.





A utilização do passado como elemento de valorização do espaço cemiterial é relevante, pois o surgimento da necrópole e seu uso, no decorrer do tempo, foram importantes (e um reflexo) para a formação da sociedade paulistana e brasileira. Ao apresentar o passado, o projeto Memória e Vida entende ser possível compreender questões do passado e presente, iluminando problemáticas consideradas relevantes para a sociedade.

## O Consolação como o primeiro cemitério da cidade

Segundo o projeto, o contexto para o surgimento do Cemitério da Consolação constitui a crise do convívio dos mortos no mesmo espaço dos vivos. Tal situação é desencadeada por questões relacionadas a um discurso civilizador europeu; à busca pelo Estado laico e pelos surtos epidêmicos. Aparentemente, parece apenas um relato, baseado em fatos ocorridos, sobre o surgimento do cemitério. No entanto, não o é simplesmente, uma vez que tem a intenção de atribuir valor histórico e social à localidade.

O primeiro destes fatores está relacionado à transformação da colônia brasileira em um lugar civilizado, segundo os parâmetros da Europa. O discurso higienista chega no Brasil junto com a vinda, para estabelecimento definitivo, da Família Real Portuguesa, no início do século XIX, com uma série de medidas para tornar a colônia habitável para a corte. No entanto, ele só ganha efetividade governamental nacional quando ocorrem surtos de doenças nos principais centros urbanos do país no período, como em São Paulo. O intento por trás de sua criação era estritamente sanitário: buscava evitar epidemias, recebendo as vítimas da varíola, em substituição ao sepultamento nas igrejas. Aliás, sua criação coincide com o surto de varíola que assolou a região em 1858.

Até então, apesar de contar com a recomendação da Coroa Portuguesa para os enterramentos serem realizados distante dos ambientes dos vivos, continuaram a ser feitos dentro das igrejas católicas, por força da crença religiosa e do costume. O enterramento dos entes queridos era feito nas paredes, no chão e nos arredores do templo religioso. Quanto maior o prestígio social do morto, mas próximo ele se encontrava do altar e das divindades sagradas (Rodrigues, 1997; Reis, 2009).

Havia também um movimento que apoiava a separação do Estado da influência da igreja católica. A morte, neste período, era um evento significativo para a sociedade. Transformar os cemitérios em espaços públicos laicos era uma forma de diminuir a capacidade de intervenção do poder religioso no meio social. Tal questão só terá resolução, de forma mais efetiva, com o fim do Império e o estabelecimento da República.

No caso paulista, havia um intenso debate, travado no âmbito legislativo, entre os que defendiam o cemitério afastado da cidade dos vivos, e os que acreditavam ser importante mantê-los próximos, com a continuidade do enterramento nas igrejas. O alastramento da cólera e de outras doenças fez com que os primeiros fossem vitoriosos e os enterramentos fossem obrigatórios em lugares afastados do espaço urbano, em lugar tido como apropriado.

O Cemitério da Consolação, neste contexto, é apresentado como o primeiro cemitério da cidade. Considerado um espaço que contribuiu, ao longo da história, "para expansão,



modernização e civilização da cidade de São Paulo” (Berlinck, 2016, p. 16). Trata-se de um dos mais antigos da cidade de São Paulo em funcionamento.

### Uma necrópole romântica

O cemitério foi inaugurado no ano de 1858, sendo o primeiro da cidade. Naquela época, abateu-se sobre a população uma forte epidemia de varíola. Os mortos, geralmente, sem distinção de classe social ou gênero, eram enterrados no local. Com o aumento populacional e a criação de outra necrópole, na região da Quarta Parada,<sup>6</sup> os túmulos e enterramentos dos mais humildes foram transferidos e o lugar tornou-se exclusividade das famílias abastadas. Essa mudança alterou os tipos de perfil de túmulos, dando-lhes o adjetivo de “Romântico”, conforme pode ser visto no escopo do Projeto Memória e Vida. Essa característica é um dos fatores discursivos que o promovem a bem cultural.

De acordo com Santos e Freitas (2012) esta adjetivação está ligada diretamente à saída dos mortos das igrejas e a uma nova forma de representação do morto. Enfatiza-se sua individualidade, por meio da produção da arte e da arquitetura tumulares. Dentre os principais objetivos deste processo é possível afirmar que buscava-se eternizar a lembrança do ente querido, agora afastado do mundo dos vivos. Era necessário fazê-lo para não ser esquecido e, ao mesmo tempo, mostrar a todos seu prestígio social e o que ele representava para os entes queridos em vida.

Esta forma de morte e enterramento diferencia-se dos enterramentos nas igrejas pela permanência de uma monumentalidade material. De acordo com Queiroz (2008), articulado ao pensamento de Santos e Freitas (2012), esses espaços foram construídos para permanecerem isolados do convívio dos vivos, mas não de suas visitas. Era desejado que as pessoas passeassem nos cemitérios e investia-se em materiais e em obras de arte que adornavam os túmulos dos mortos.

Essa adjetivação torna-o digno de admiração e visita. A justificativa reside na presença de aspectos históricos da arte escultórica e arquitetônica. De acordo com Queiroz (2008), essas necrópoles possuem um acervo pertencente ao século XIX até meados do século XX e, posteriormente, com a mudança de entendimento sobre o espaço e a morte, fizeram reduzir a frequência de elementos artísticos. Cabe ressaltar que a questão da arte tumular é introduzida pelo discurso historiográfico do projeto. No entanto, ganha um formato diferenciado e aprofundado, direcionado para a questão da preservação.

### Um espaço de celebridades

Parte da argumentação historiográfica que sustenta o Projeto Memória e Vida como lugar de fruição cultural está relacionado a alguns de seus moradores permanentes. São os mortos que, por razões diversas, estão na memória coletiva da sociedade e nos livros de história:

<sup>6</sup> Atualmente esta região fica entre os bairros: Brás, Tatuapé, Belenzinho e Mooca, na cidade de São Paulo.



“Em São Paulo, o Cemitério Consolação é local de sepultamento de diversas personalidades históricas, como políticos, artistas, industriais e outros tantos [...] importantes para a construção da história de um povo” (Padula & Corá, 2016, p. 47).

Neste aspecto, é tido como um local de memória e história. Os lugares onde essas pessoas, consideradas como grandes vultos da história, foram enterradas são uma espécie de documento de sua passagem em vida e de seu legado. Neste sentido, os túmulos em questão são dotados de uma carga simbólica. Não representam apenas um lugar de enterro de um corpo material. É um ponto de lembrança sobre as significações e ressignificações daquela personalidade e de seus atos pela sociedade.

Conforme Gastal (2002), um lugar acumula memórias e histórias, locais e globais, em diversas camadas, de maneira única. Esse se torna um espaço de memória significativo, na medida em que a sociedade vê nele, de forma afetiva, um marco representativo de seu passado, seja ele real ou imaginário. Supõe-se que é nesta linha de pensamento que o Consolação é visto como um guardião e expositor destas biografias que representam uma comunidade imaginada nacional.

### Consolação enquanto “museu a céu aberto”

Um dos principais argumentos que dão sustentação ao projeto, na concepção de seus formuladores, é o Cemitério da Consolação como um lugar, ao ar livre, detentor de uma série de obras de arte, importantes em sua concepção estética. Assim, o concebem como “museu a céu aberto”.

*Ao longo da história, o lugar onde a humanidade sepulta seus mortos foi mudando. No século XIX, os cemitérios urbanos passaram a ter importância no imaginário arquitetônico, acolhendo homenagens da memória familiar ou do respeito cívico. Além disso, acabaram por reproduzir de alguma forma a ordem socioeconômica vigente. Assim, os cemitérios podem ser considerados como museus de patrimônio cultural, uma vez que são plenos de valores ligados aos bens materiais e aos bens imateriais que os representam. Em razão disso, alguns cemitérios acabaram perdendo a característica de locais de tristeza e luto e passaram a ser verdadeiros locais de exposição de obras de arte a céu aberto (Padula et al., 2016, p. 47).*

O termo “museus a céu aberto” não é originário do projeto em análise. Os cemitérios brasileiros surgidos no final do século XIX, considerados românticos, são defendidos por estudiosos dos campos das artes, cultura, história, museologia, entre outros, como lugares que possuem túmulos vistos como objetos artísticos, dignos de salvaguarda em instituições que conservam e expõem para sociedade, como os museus. Em consonância com esse pensamento, Carvalho (2015) afirma que os túmulos nesses cemitérios são um patrimônio,<sup>7</sup>

<sup>7</sup> De acordo com o autor, “entre os anos de 1950 e 1960, há um período de transição que transforma a concepção do espaço cemiterial: de lugar de enterros, onde se chora os mortos, o cemitério torna-se, gradualmente, um local de informação, receptáculo de cultura e fonte de conhecimento sobre arte e história”. (Carvalho, 2015, p. 451).



e por essa razão, demandam esforços para preservação em face da exposição aos desgastes naturais e aos riscos sociais de depredação e vandalismo.

O Projeto Memória e Vida, no que concerne especificamente à questão artística, procura seguir a linha de pensamento apresentada por Carvalho (2015). De acordo com o GEAAC<sup>8</sup> – Grupo de Estudos em Arte e Arquitetura Cemiteriais – o Consolação possui grande acervo artístico, que deve ser conhecido e conservado. Nele pode-se encontrar:

*um conjunto artístico e arquitetônico representativo de diversas fases estilísticas ocorrentes entre a segunda metade do século XIX e os dias atuais, com destaque para as obras de marmoraristas e fundidores, brasileiros ou, mais predominantemente, estrangeiros, entre portugueses, espanhóis, italianos, alemães e etc., atuantes ou em permanência na cidade, a partir do final do século XIX, e para as esculturas de artistas modernistas como Victor Brecheret, assim como para os diversos desdobramentos artísticos, estilísticos e técnicos desenvolvidos, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial.*<sup>9</sup>

Este discurso sobre a necessidade de preservação e curadoria dos túmulos considerados artísticos do Cemitério da Consolação também não consiste em uma inovação do Projeto Memória e Vida. Segundo o GEAAC, esse argumento é proveniente das ações de tombamento efetuadas pelos órgãos de proteção do patrimônio em múltiplas escalas: federal (IPHAN), estadual paulistano (CONDEPHAAT) e municipal paulista (CONPRESP). Trata-se, de fato, de uma continuidade e fortalecimento da política pública de preservação. Há, também, uma tentativa do projeto de trazer ações que fortaleçam a ideia enquanto prática para os administradores do Consolação e para outros cemitérios paulistas com o mesmo perfil.

### A temática da arte e suas múltiplas formas de apreciá-la

A temática da produção tumular e, conseqüentemente, sua arte, de forma geral, gira em torno da ideia de homenagear e eternizar a memória do morto. Os trabalhos eram encomendados pelas famílias ou entes queridos aos artistas, especialmente escultores. No entanto, esses fatos não reduzem a possibilidade de apreciação de elementos na arte expressa pelas obras. De acordo com o GEAAC, há diferentes maneiras e caminhos para apreciá-las:

*A apreciação do objeto estético pode se dar por diferentes caminhos, podendo ser iniciada a partir da identificação das características de sua materialidade, por meio do reconhecimento e da descrição dos componentes da obra, assim como das linhas e formas, da estrutura da composição, das cores, das direções, das texturas e todas as informações*

<sup>8</sup> O grupo é composto por uma comissão específica e multidisciplinar, pertencente ao Projeto Memória e Vida, responsável por fazer os estudos sobre os bens tumulares do Cemitério da Consolação. Dentre as atividades estão a identificação e catalogação do acervo, assim como o desenvolvimento de práticas de restauração e manutenção. Grupo de Estudos em Arte e Arquitetura Cemiteriais - GEAAC. (2016). Aspectos teóricos da conservação de Bens Tumulares. Publicação dirigida para os concessionários. São Paulo: Projeto Memória e Vida. [https://issuu.com/necropolesmemoriaevida/docs/\\_caderno\\_i](https://issuu.com/necropolesmemoriaevida/docs/_caderno_i)

<sup>9</sup> Idem, p. 8.



*que, extraídas nesse processo de fruição, possam contribuir para um aprofundamento, em um rico processo de conhecimento.*<sup>10</sup>

A perspectiva sobre a arte produzida no contexto do cemitério e da morte é expandida enquanto possibilidade de apreciação artística. De alguma forma, esse discurso afasta a ideia de morte da obra como elemento central, e com isso, a resistência dos que se recusam a apreciá-la por causa do preconceito. Ainda sobre este quesito, outra consideração complementar é feita:

*É importante ressaltar que a leitura de um observador a respeito de uma determinada obra de arte resultará, também, de seu conjunto de informações ou repertório. Assim, determinada obra de arte poderá assumir para cada observador os significados que seu repertório permitir, incidindo esse complexo processo em aspectos interpretativos e mesmo na possibilidade de recriação ou ressignificação.*<sup>11</sup>

O GEAAC sugere, para apreciação das artes tumulares, uma concepção subjetiva do entendimento de arte. Não se faz necessário nenhum conhecimento técnico sobre história da arte ou sobre o morto. A riqueza simbólica das obras é tamanha, de acordo com o Projeto, que permite uma multiplicidade de significados por parte do observador. Assim, não há um olhar único ou uma verdade a ser observada nas obras. Elas sempre refletirão a experiência de quem vê o objeto, mesclado com as pistas de intenção do artistas deixadas na materialidade. Esse argumento dá às obras e ao lugar uma inesgotável possibilidade de coisas novas a serem vistas em cada visita. Consequentemente, estimula o processo de visita e fruição.

### Ações culturais e práticas turísticas

É por meio das ações culturais e práticas incentivadas de fruição que os discursos sobre a valorização do cemitério no que concerne aos seus aspectos históricos e artísticos ganham corpo. Transformar esse lugar em um bem cultural torna-se, na visão dos propositores do Projeto, uma demanda social para melhor aproveitamento deste espaço da cidade e dos recursos socioculturais nele disponíveis. Será por meio deles que, de fato, busca-se convencer a população residente e externa, sobre a importância da necrópole enquanto bem cultural.

*Para permitir uma ocupação cidadã desses espaços é preciso incentivar uma nova percepção acerca das necrópoles municipais. Nessa direção são necessárias ações que deem novo significado a esses locais, reconheçam também sua função histórica /social como polo cultural, disseminador de conhecimento, espaços de pesquisas interdisciplinares e ressaltem ressaltar sua vocação como parques de memória que representam, para as famílias, o depositário das lembranças, das histórias mais doces e vivas*

<sup>10</sup> Grupo de Estudos em Arte e Arquitetura Cemiteriais - GEAAC. (2016). Aspectos teóricos da conservação de Bens Tumulares. Publicação dirigida para os concessionários. São Paulo: Projeto Memória e Vida. [https://issuu.com/necropolesmemoriaevida/docs/\\_caderno\\_i](https://issuu.com/necropolesmemoriaevida/docs/_caderno_i) p. 11.

<sup>11</sup> Idem.



*dos entes ali sepultados e, para a sociedade, um registro significativo de sua história, de memória e celebração da vida.*<sup>12</sup>

Essa questão conta com uma visão comum sobre a morte, como não pertencente à vida, devendo ser evitado pelos vivos, conforme exposto por Elias (2001). Os propositores entendem que, para que o cemitério seja visitado e frequentado, é necessária uma mudança de paradigma. Para tanto, é importante construir outra concepção de morte, oposta à habitual.

Os cemitérios são, inevitavelmente, associados à ideia de morte. A saída é ressignificá-la, de modo a abrir caminhos para repensar o espaço, na mesma direção. Essa parece ser a estratégia do projeto. A mudança de vocabulário dos propositores segue essa rota, buscando substituir todos os sentimentos frequentemente associados à morte, como: tristeza, dor e perda. Em seu lugar, são utilizados adjetivos vinculados à vivacidade: vida, celebração, lazer, divertimento, conhecimento, apreciação, entre outros.

Nas proposições práticas, são identificados dois campos de ação. O primeiro trata das ações culturais propostas no espaço, com temáticas relacionadas à morte e ao patrimônio funerário da necrópole. Esse processo conta com uma oferta de atividades culturais, com manifestações de distintas linguagens artísticas. O segundo campo de ação está associado ao turismo, por considerar que seja possível atrair visitantes e, ao mesmo tempo, expor a diversidade de obras tumulares presentes na necrópole.

## Ações culturais

Para pôr em prática os discursos construídos pelo projeto memória e Vida, do cemitério da Consolação como bem cultural, são propostas atividades, denominadas aqui como ações culturais. As qualificadas nesse tópico como "culturais" são referentes à criação, reflexão e educação, por meio de atividades formativas e de outras associadas às linguagens artísticas, como: cinema, teatro, música, entre outras. Nos termos de Ramos (2007):

*A ação cultural pode ser considerada como um processo de intervenção que utiliza o modo operativo da arte, com seu caráter libertário e questionador, para revitalizar laços sociais, promover a criatividade em grupo e criar condições para que ocorram elaborações e práticas culturais [...]. A finalidade última da ação cultural, portanto, seria a construção da identidade cultural, instância que possibilita que o indivíduo se reconheça como um ser cultural, inserido em um espaço e um tempo determinados, e estabeleça vínculos efetivos com seu entorno (Ramos, 2007, p. 7).*

A partir de uma série de atividades com o perfil descrito, caracterizadas como ações culturais, houve uma busca pela transformação da necrópole em um equipamento cultural. Os propositores do Projeto tinham o intuito de atingir e envolver a população local na

<sup>12</sup> Serviço Funerário Municipal de São Paulo – SFMSP. (2016b). Memória & Vida. Morte e luto. São Paulo: SFMSP. <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/35123.pdf> p. 14.



ressignificação do espaço cemiterial. Alega-se que isso, inclusive, seja uma reivindicação da própria comunidade:

*É a sociedade quem quer transformar parte do cemitério em lugar para ver filmes, como no Cinetério; que quer assistir peças culturais ou rodas de samba nesses espaços; é ela quem quer passear nas áreas verdes para se exercitar ou simplesmente conhecer e apreciar arte tumular.<sup>13</sup>*

Foram programadas para serem oferecidas várias atividades, que incluem exibição de filmes, concertos musicais, contação de histórias, recitação de poesias, crônicas, contos e peças teatrais, todas organizadas em quatro categorias, conforme o quadro abaixo:

Nome da Atividade	Breve descrição
<i>Cinetério*</i>	Projeção de filmes de temática relacionada à morte, ao luto e a figuras importantes enterradas na necrópole. Após a apresentação há um debate ou palestra com estudiosos do assunto.
<i>Saraus</i>	Declamação e criação de poesias relacionadas à temática da morte ou a figuras importantes da literatura nacional enterradas na necrópole
<i>Memória Musical</i>	Concertos de música popular e sacra em homenagem aos músicos enterrados na necrópole e em datas especiais, como: dia das mães, dia dos pais e finados.
<i>Encontros formativos</i>	Palestras, seminários, cursos, oficinas e rodas de conversa sobre temas relacionados a necrópole
<i>Aula expandida</i>	Visita mediada pelo cemitério voltada para escolas de educação básica. Estão incluídas nesse processo atividades pedagógicas de assimilação das informações e sua relação com os conteúdos desenvolvidos em sala de aula.

**Quadro 1** - Categorias de ações culturais do projeto Memória e Vida. **Fonte:** Elaboração própria.

\* O Cinetério não surgiu nas ações culturais do projeto Memória e Vida, entretanto, optou-se por incluir como atividade cultural referenciada, em função da estreita relação advinda com o projeto.

Em teoria, o objetivo é que essas atividades ocorram de forma contínua e integrada. No entanto, não foi o que aconteceu. De acordo com Figueiredo (2017), essas ações culturais eram realizadas de forma esporádica e aleatória. Dias considerados especiais pelos gestores locais, como o de finados, Dia das Mães, entre outros, também eram desencadeadores dessas ações, que deveriam ocorrer de forma regular. De fato, há poucos registros dos propositores do projeto, mídia e usuários, o que nos leva a ratificar a afirmação da autora em questão.

### Práticas turísticas

As práticas de incentivo ao turismo também estão relacionadas à transformação do espaço em bem cultural. Entretanto, merece diferenciação das ações culturais, pois seu escopo

<sup>13</sup> Serviço Funerário Municipal de São Paulo – SFMSP. (2016). *Memória & Vida. Morte e luto*. São Paulo: SFMSP. <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/35123.pdf> p. 78.



está proposto para outro formato de visitante e visitação, no qual dialoga diretamente com a realização do que se entende por turismo.

O turismo, conforme estabelecido pela Organização Mundial do Turismo (OMT), referendado Ministério do Turismo brasileiro<sup>14</sup>, refere-se a uma visita temporária, de indivíduos externos à localidade, por um período igual ou maior que vinte quatro horas, por motivações diversas, com ênfase no lazer. Logo, dois aspectos são relevantes para a análise dessa definição. O primeiro é que o visitante, classificado como turista, não é pertencente territorialmente à comunidade na qual está localizado o bem cultural. O segundo concerne à sua motivação para conhecimento, limitada ao tempo de estada e curiosidade.

Essas duas questões são importantes porque revelam que não há possibilidade, pelo turista, de construir uma identidade territorial e de um envolvimento permanente com a localidade, já que sua condição, naquele *locus*, é de transitoriedade. Em relação ao segundo ponto, entende-se que o turista perpassa por diversos lugares, por motivação subjetiva, com limite de tempo, ligado diretamente à sua condição de transitoriedade. Nesse sentido, as atividades elaboradas para esse perfil de visitante possuem maior estruturação de organização das informações, tempo e espaços. São criados mecanismos para que o turista transite livremente nos lugares turísticos. Essas criações, na mesma medida em que dão liberdade de escolha, transformam a visita em um exercício passivo, com mais contemplação do que interação. Dessa forma, as práticas turísticas são voltadas para um público específico, com dois objetivos: difundir o cemitério como bem cultural e transformá-lo em um ponto turístico municipal. De acordo com Figueiredo (2017), esses objetivos estão articulados: busca-se patrimonializar o espaço para justificar sua turistificação.

O turismo proposto nos documentos do Projeto em análise é o de segmento cultural. Nele, conforme assinala o Ministério do Turismo (2010, p. 15) estão compreendidas “as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”. De acordo com os propositores do projeto, esse segmento pode “favorecer o contato com os monumentos e sítios históricos e artísticos representativos [...] como os cemitérios”.<sup>15</sup> As atividades oferecidas nessa prática estão relacionadas às visitas guiadas e autoguiadas. Foram elaborados roteiros com diversas temáticas associadas aos túmulos. Essas visitas foram oferecidas aos visitantes, com regularidade e mediante agendamentos. De acordo com Figueiredo (2017), era a ação de maior destaque do Projeto.

Associadas às visitas, constam as visitas autoguiadas, realizadas pela mediação de um aplicativo de celular, associado à tecnologia de QR code (em que pese sua operacionalização ainda esteja incipiente e não concluída). O aplicativo fornece informações sobre o túmulo, mediante leitura óptica do código, localização de pontos de interesse e um mapa interativo, no qual é possível situar a localização na necrópole e os caminhos necessários para chegar aos

<sup>14</sup> Brasil. Ministério do Turismo (2010). Turismo Cultural: orientações básicas. Brasília. [http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)

<sup>15</sup> Serviço Funerário Municipal de São Paulo – SFMSP. (2016b). *Memória & Vida. Morte e luto*. São Paulo: SFMSP. <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/35123.pdf> p. 8





lugares de interesse. O aplicativo fornece os seguintes roteiros temáticos: Vinte Imperdíveis; Arte Tumular – Escultores Importantes; Arte Tumular – Autor Desconhecido; Modernistas; Políticos – Império; Políticos – República; Industriais, Cafeicultores e Profissionais Liberais; Artistas, Intelectuais e Personalidades Públicas; Histórias Urbanas.

Assim, o guia de visitação distribuído tanto em papel como acessível virtualmente mapeia o Cemitério em três grupos, sendo dois segundo o interesse na pessoa sepultada e um voltado ao artista da obra cemiterial: a) Intelectuais, artistas e homens públicos; b) Políticos; e, c) Escultores. As obras dos escultores mapeados são identificadas com o nome do artista, o título da obra, o ano e a localização no cemitério (quadra e terreno).

Por fim, cabe mencionar que a visita guiada presencial é feita pelo ex-sepultador do Cemitério, Francivaldo Gomes, conhecido pela alcunha de Popó. O próprio guia e ex-sepultador, assim, é objeto do Projeto Memória e Vida, que além de capacitar o funcionário, dedica atenção à sua personagem na história do Cemitério.

### Considerações finais

A ausência de políticas públicas específicas concernentes à conservação da arte cemiterial faz com que os acervos sejam prejudicados, seja pelo tempo ou pelo descaso. Os cemitérios integram a história local. Representam mudanças graduais nos usos, costumes e normatividades da sociedade. O desenvolvimento desse tipo de projeto nos cemitérios, para fins de apreciação da arte cemiterial remanescente, é uma das principais formas de estímulo à conservação e fruição desses lugares. Ao ampliar seus usos, além de permitir uma ressignificação da morte e maior conhecimento sobre os aspectos socioculturais da cidade, democratiza-os como espaço público.

Nesse sentido, o Projeto Memória e Vida do Cemitério da Consolação, ao tempo em que incentiva a apreciação das artes existentes no local, oportunizando a fruição cultural em um espaço composto abundantemente por peças de arte visual, trabalha para a preservação da arte existente no Cemitério e sua integração com a comunidade, por meio de seu uso para além do fim funerário. A apreciação da arte, por intermédio do Projeto, faz com que o espaço seja efetivamente ocupado, conhecido e apreciado, contribuindo para a fruição da cultura local.

### Referências Bibliográficas

- Ariès, P. (1989). *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema.
- Baptista, M. L. C. (2014). Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. *Rosa dos Ventos*, 6, 342-355. <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547041003.pdf>
- Berlinck, J. M. (2016). Contexto: São Paulo do século XIX higienismo e a construção do primeiro cemitério público. Serviço Funerário do Município de São Paulo. In *Projeto Memória e vida. Cemitério da Consolação* (pp. 13-25). São Paulo: SFMSP. <http://www4.pucsp.br/neats/download/projeto-memoria-vida.pdf>



Boullón, R. C. (2002). *Planejamento do Espaço Turístico*. Bauru: Editora EDUSC.

Campos, R. (2012, janeiro a junho). A cultura visual e o olhar antropológico. *Revista Visualidades*, 10 (1), 17-37. <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23083/13629>

Carvalho, L. F. N. de. (2015). *História e arte funerária dos cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014)*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/122577>

Cattani, I. B. (2002). Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In B. Brites & E. Tessler (orgs.). *O meio como ponto zero. Metodologia de pesquisa em artes plásticas* (pp. 35-50). Porto Alegre: Editora Universidade. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206779>

Cellard, A. (2008). A análise documental. In J. Poupart, J.P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. Pires. (orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Petrópolis: Vozes.

Del Puerto, C. B. (2016). *Turismo em cemitérios: o cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul].

Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer* (P. Dentzien, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Figueiredo, O. M. (2017). *Visitas guiadas no Cemitério da Consolação em São Paulo: uma apreciação a partir da geografia humanística*. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5705081](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5705081)

Gastal, S. (2002). Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In S. Gastal (org). *Turismo, investigação e crítica* (pp. 69-81). São Paulo: Contexto.

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Guedes, M. T. F., & Maio, L. M. (2021, 07 de março). Bem cultural. In Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79/bem-cultural>

Kripka, R. M. L., Scheller M., & Bonotto, D. L. (2015). Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *Revista Investigação Qualitativa em Educação*, 2, 243-247.

Nogueira, R. de S. (2013). *Quando um cemitério é patrimônio cultural*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro].

Padula, R. S., & Corá M. A. J. (2016). Cemitério Consolação: um espaço museológico. In Serviço Funerário do Município de São Paulo. *Projeto Memória e vida. Cemitério da Consolação* (pp. 46-53). São Paulo: SFMSP. <http://www4.pucsp.br/neats/download/projeto-memoria-vida.pdf>

Queiroz, F. (2008). Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. *Anuário 21 Gramas*, 1, 7-12. [http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios\\_historicos\\_Potencial\\_Turistico\\_Portugal\\_%20versao\\_21\\_gramas.pdf](http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios_historicos_Potencial_Turistico_Portugal_%20versao_21_gramas.pdf)



Ramos, L. B. (2007). Centro Cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. *Anais do 3º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Universidade Federal da Bahia.

Reis, J. J. (2009). *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rodrigues, C. (1997). *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura.

Rugg, J. (2000). Defining the place of burial: what makes a cemetery a cemetery?. *Mortality*, 5 (3), 259-275.

Santos, S. J. dos, & Freitas, A. (2012, janeiro a junho). A arte cemiterial como fator de distinção e eternização do status social no cemitério São Francisco de Paula. *O Mosaico*, 7, 31-45. <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/64/pdf>

*Recebido em: 23 de novembro de 2021*

*Aprovado em: 7 de outubro de 2022*

